

ARTIGOS
ARTICLES
ARTÍCULO

Do “crer para ver” ao “ver para crer”: mudança de comportamento religioso na percepção de estudantes concluintes de um curso de Psicologia

The “believe to see” to “seeing is believing”:
Behavior Religious Change in perception of the Psy-
chology Students Graduating

La “creer para ver” al “ver para creer”:
Cambio de conducta religiosa em la Percepción de
Estudiantes Graduando de un Curso de Psicología

Cleber Lizardo de Assis*
Diana dos Santos Neres**
Poliana de Oliveira Leite***

RESUMO

A religião é um campo aberto para indagações sobre a existência e se abre para novas possibilidades e experiência quanto ao seu diálogo com a ciência. Objetiva-se investigar a mudança da percepção e de comportamento religioso em estudantes concluintes de um curso de psicologia. Método: estudo exploratório, de tipo qualitativo e quantitativo, com 13 participantes de um curso de Psicologia de uma Faculdade privada de Cacoal, RO; Resultados e Discussão: na categoria Influência da Psicologia, a maioria afirma que psicologia influenciou na sua fé e prática religiosas; Quanto à categoria Fatores de Mudança, percebeu-se que vários elementos durante a graduação em psicologia contribuíram para que houvesse mudança, especialmente a partir de *Conceitos/conhecimentos de Psicologia* e Postura dos professores; Ocorreram mudança dos conceitos religiosos: *Religião proporciona salvação* e *Religião proporciona bem-estar psicológico*, além dos comportamentos de rezas e orações; Sobre a relação entre religião e psicologia na dimensão da vida pessoal, apareceram confusões sobre como os dois campos podem se relacionar na prática. Conclusão: constata-se que há uma percepção de mudança nas crenças e comportamentos religiosos na maioria dos pesquisados, ocorrida durante o curso. Defende-se a existência, na graduação, de alguma forma de suporte acadêmico sobre a relação Psicologia e Religião.

Palavras-chave: Comportamento Religioso; Psicologia e Religião; Universitários.

* Mestre em Psicologia/PUCMG, Doutor em Psicologia pela Universidad del Salvador – AR, Professor da Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal, FACIMED-RO. Pesquisador-coordenador do Grupo de Pesquisa Práticas de Saúde em Clínica Ampliada na Contemporaneidade, da PUC/MG. Email: kebelassis@yahoo.com.br

** Graduada em Psicologia, Faculdades Integradas de Cacoal, UNESC-RO; Integrante do Grupo de Pesquisa Práticas de Saúde em Clínica Ampliada na Contemporaneidade, da PUC/MG.

*** Graduada em Psicologia, Faculdades Integradas de Cacoal, UNESC-RO; Integrante do Grupo de Pesquisa Práticas de Saúde em Clínica Ampliada na Contemporaneidade, da PUC/MG.

ABSTRACT

Religion is a field open to questions about the existence and opens to new possibilities and experience regarding their dialogue with science. Objective is to investigate the change of religious perception and behavior in graduating students of a psychology degree. Method: An exploratory study, qualitative and quantitative, in 13 subjects of a Psychology degree from a private college Cacoal, RO; Results and Discussion: In the category of Influence Psychology, The majority asserts that psychology influenced your faith and religious practice; Regarding Category Factors of Change is realized that several elements during graduation in psychology who had contributed to change, especially from concepts / knowledge of Psychology and Attitude of teachers; Occurred change of religious concepts: Religion Religion provides salvation and provides psychological well-being, beyond the behaviors of prayers and prayers; On the relationship between religion and psychology at the dimension of personal life, appeared confusion about how the two fields can relate in practice. Conclusion: it appears that there is a perception change in religious beliefs and behavior in the majority of respondents, which occurred during the course. Defends the existence, at graduation, some form of academic support on Psychology and Religion relationship.

Keywords: Religious behavior; Psychology and Religion; University.

RESÚMEN

La religión es un campo abierto para preguntas acerca de la existencia y se abre a nuevas posibilidades y experiencia en relación con el diálogo con la ciencia. El objetivo es investigar el cambio de la percepción y el comportamiento religioso de los estudiantes que se gradúan de un curso de psicología. Método: un estudio exploratorio, cualitativo y cuantitativo, con 13 participantes en un curso de Psicología de la Facultad privada de Cacoal, RO; Resultados y Discusión: En la categoría de influencia de la psicología, la mayoría de los estados que la psicología influyó en su fe y la práctica religiosa; En cuanto a los factores de cambio de categoría, se observó que varios elementos durante la graduación en psicología ha contribuido a cambiar, sobre todo a partir de conceptos / conocimientos de la psicología y la postura de los profesores; Allí estaban cambiando los conceptos religiosos: Religión ofrece la salvación y la religión proporciona bienestar psicológico, además del comportamiento de los rezos y oraciones; Sobre la relación entre la religión y la psicología de la dimensión de la vida personal, aparecido confusión sobre cómo los dos campos se pueden relacionar en la práctica. Conclusión: parece que hay una percepción de cambio en las creencias religiosas y el comportamiento en la mayoría de los encuestados, que se llevó a cabo durante el curso. Defiende la existencia, de la graduación, algún tipo de apoyo académico en Psicología y Religión relación.

Palabras clave: Comportamiento religioso; Psicología y Religión; Universidad.

Introdução

Pensar em religião neste tempo de tantas crenças não é tarefa fácil, e fazê-lo na perspectiva de transformações durante uma graduação no curso de psicologia é lidar com um movimento contínuo e progressivo, se voltar para uma dinâmica cada vez mais intensa, já que a contemporaneidade se mostra como um período de constantes mudanças. Por outro lado, entendemos que a religião e a religiosidade são elementos presentes intensamente na vida humana, em especial no contexto do sujeito universitário. Nesse sentido, resolveu-se nesta pesquisa, examinar como se processa a mudança de comportamento religioso a partir da percepção de estudantes concluintes de um curso de psicologia.

Entendemos que seja importante falar da religião e temas correlatos no contexto universitário, especialmente como fenômeno religioso e psicológico que aparece no discurso discente e que, portanto, precisam ser compreendidos à luz do conhecimento psicológico, bem como em diálogo com as Ciências da Religião.

Religião, Ciência e Psicologia

A *religião* pode ser considerada como um sistema de crenças, com tradições acumuladas envolvendo símbolos, rituais, cerimônias e que procuram trazer algumas explicações sobre a vida e a morte; um fenômeno cultural composto de mitos, rituais e comportamento moral, onde o humano intenta dar ordem ao não traduzido, bem como o sentido da vida e orientação para a existência (AMATUZZI, 1999; HEFNER, 2007; MELLO NETO; SILVA JUNIOR, 2010; AQUINO, 2009; BREITBART, 2003; VERGOTE, 2001; CAMBUY; AMATUZZI; ANTUNES, 2006). Por outro lado, a ciência deve, dentre outras contribuições, ajudar nos esclarecimentos sobre questões relacionadas a nossas origens, naturezas e destinos da vida, esclarecimentos em diferentes aspectos da vida humana (RAYES; CARVALHO, 2005).

O acréscimo da Psicologia ao binômio Ciência e Religião tem o sentido de evidenciar a extensão da ciência natural e biológica para a ciência humana e de apontar a dimensão psicológica que vincula o cientista à religião e o religioso à ciência (PAIVA, 2002). Nesse sentido, a maior integração entre esses dois campos ocorreria quando “tanto a religião como a ciência contribuem para um olhar de mundo em uma forma mais coerente, desenvolvida numa metafísica abrangente” (BARBOUR, 1990, p. 28).

Apesar da defesa desta integração supracitada, a religião e a ciência têm sido vistas como entidades conflituosas, embora a sua relação não tenha sido sempre de conflitos, nem na área acadêmica nem na área religiosa (MARS-DEN; LONGFIELD, 1992, apud PAIVA, 2002). De modo que entendemos que Religião e Ciência são dois campos de conhecimentos distintos, mas que de um modo ou outro estão cotidianamente presentes em nosso meio, o que confere dizer que por desacordo e/ou consonância, essas entidades estão associadas ao longo de todo o processo cultural ocidental.

Atualmente, a religião tem se tornado cada vez mais uma temática de grande interesse de diversos ramos das ciências, dentre estes, a Psicologia que, ao estudar o ser humano, propõe compreendê-lo em sua individualidade, especialmente a partir da década de 1970 com o aumento no número de publicações, com a estruturação acadêmica de disciplinas, tanto na graduação como na pós-graduação e com a divulgação das pesquisas em Psicologia e

Religião em vários eventos científicos de caráter nacional e internacional. Assim, no que diz respeito ao tema religião/religiosidade, as ciências humanas voltaram a ser vistas como ciências relacionadas ao espírito, e a religiosidade passa a ser um aspecto de comunicação e compreensão (AQUINO, et al., 2009; PAIVA et al., 2009; HENNING; MORÉ, 2009).

Nesse movimento, tanto as expressões religiosas dos indivíduos na clínica psicológica quanto os trabalhos teóricos relacionados à Psicologia e Religião podem ser avaliados a partir de forma bidimensional, de modo a privilegiar um tipo de “interpretação restauradora” em que o objetivo seria o de reorganizar os objetos da fé religiosa do sujeito (WULFF, 1991, apud CAMBUY; AMATUZZI; ANTUNES, 2006, p. 13); Para Kovács (2007) um dos autores na área da psicologia e da psicoterapia que concedeu à religião e à espiritualidade um lugar especial foi C. Jung, quem resgatou a questão da alma na psicoterapia quando refere-se à função transcendente, que poderia ser considerada como uma ampliação da consciência. Corroborando tais assertivas, estudos atuais sobre o tema religião e saúde mental e saúde psicológica, em grande parte, consideram que pode haver uma relação positiva da religião/espiritualidade¹ sobre a saúde mental do indivíduo ou sociedade no geral (CAMBUY; AMATUZZI; ANTUNES, 2006; PARGAMENT et al., 1998, apud OLIVEIRA; JUNGES, 2012; MOREIRA-ALMEIDA et al., 2006; TAVARES; BEIRA; LIMA, 2004, p. 473; STROPPA; MOREIRA-ALMEIDA, 2008; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2006).

Assim, grande parte da literatura da área tem demonstrado que as crenças e práticas religiosas são mediadoras no processo saúde-doença, por possibilitarem o desenvolvimento e o aumento de recursos pessoais de *coping*, enfrentamento nas e das situações estressantes. Todavia, não existe um consenso acerca de como os estudos que demonstram associação entre religião e saúde possam ser aplicados na prática clínica de profissionais de saúde (SULS; DAVID; HARVEY, 1996; PANZINI; BANDEIRA, 2007; PARGAMENT, 1997, apud PANZINI; BANDEIRA, 2005, p. 507-516, PANZINI; BANDEIRA, 2007; ESPERANDIO, 2013).

O próprio Conselho Federal de Psicologia - CFP (2013), em publicação recente reconhece a importância da religiosidade e espiritualidade na constituição de subjetividades do indivíduo, particularmente num país com tantas especificidades como o Brasil, daí, entende-se ser de grande importância o estabelecimento de um diálogo entre esses saberes e que requer da Psicologia toda cautela para que seus conhecimentos, fundamentados na laicidade

¹ Nestes autores, há noções sutilmente diferenciadas entre religião, religiosidade e espiritualidade, mas que foge ao escopo deste trabalho, posto que nossa unidade de investigação se refere ao “comportamento religioso”. Para uma maior distinção, remetemos o leitor às obras referenciadas.

da ciência e prática profissional, não se confundam com os conhecimentos dogmáticos da religião. Outra implicação é que o estudante precisa ter a competência de refletir em suas decisões e escolhas, assim como emitir julgamento crítico sobre tudo aquilo que vê ao seu redor – na pesquisa e no dia a dia, sempre fundamentadas em argumentos sólidos e com espírito de aprendizado (SUÁREZ, 2005, p. 83).

Nesse sentido, sobre o binômio religião e psicologia, extrapolando uma era de conflituosidade, buscam-se diálogos e colaborações mútuas, embora não tenhamos percebido no cotidiano acadêmico de formação, especialmente, no discurso e comportamento discente sobre o conflito religiosidade e psicologia no contexto da academia que, por vezes, se torna motivo de estresse e mal-estar psicológico (VIEIRA; ZANINI; AMORIM, 2013). Nesse sentido julgamos ser importante o conhecimento por parte de profissionais da psicologia e das ciências da religião, sobre elementos comportamentais que envolvem a relação entre a religião e a psicologia no contexto da universidade.

Identidade, Comportamento Religioso e Universidade

O ser humano é o único que pode escolher o direcionamento de suas ações, as suas intenções por meio de suas atitudes, o valor de suas palavras, o poder de seus pensamentos e o calor de seus sentimentos em tudo o que realiza. As atitudes ocupam um espaço considerável na vida, influenciando inúmeras decisões e comportamentos. E à medida que as pessoas se relacionam com o meio social, formam atitudes em relação a esse ambiente. Neste contexto, assim como o comportamento religioso é fruto da capacidade de direcionamento próprio do indivíduo, está em permanente tensionamento com a alteridade mediata e imediata, numa permanente transformação (AQUINO et al., 2009).

Neste contexto de mudança comportamental, a “identidade” como “os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo etc.” (AURÉLIO, 2001, p. 371) está imersa em aspectos sociais, históricos e subjetivos que acrescentam um qualitativo diferenciado conforme o contexto em que está inserido (ERIKSON, 1972; PROENÇA; TENO, 2011; HALL, 1999, apud SANTOS; MANDARINO, 2005), especialmente na adolescência e juventude marcadas por crise de identidade, confrontos de alternativas religiosas, ideológicas e de outras ordens (MATTESON, 1972). De forma que entende-se identidade como “metamorfose”, algo em constante transformação e como o resultado da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social (CIAMPA, 1987, apud FARIA; SOUZA, 2011, p. 7).

Nesse sentido, a religiosidade pode ter um papel deste sujeito jovem e durante a etapa de formação acadêmica é possível estabelecer regras, orientar e modelar comportamentos, a partir de novos conhecimentos adquiridos (BARROS; CORDIOLL, 1993) e nesse contexto, tem-se verificado que tanto em estudantes de Psicologia como de outras áreas, tem havido encontro-confronto entre religião e psicologia, entre elementos trazidos de uma base familiar ao contexto acadêmico (PAIVA et al., 2009). Nesse sentido, defendemos a importância do fornecimento de conhecimento teórico sobre religião para os jovens, independentemente do contexto ao qual estão inseridos e de exercerem ou não uma prática religiosa, especialmente no contexto universitário, tal como em Novaes (2005, apud SANTOS; MANDARINO, 2005, p. 282):

Quando se pretende analisar as relações entre religião e juventude, não podemos deixar de lado as inseguranças advindas dos desenraizamentos do mundo contemporâneo e as específicas dificuldades de inserção social que vivem os jovens brasileiros hoje.

Portanto, no contexto universitário do curso de Psicologia, em que o sujeito-estudante tem a sua identidade passando por mudanças dinâmicas durante a formação, além de ter que lidar com o conflito entre os dois campos, na maioria das vezes não há um estudo aprofundado sobre o possível diálogo entre religião e psicologia, quiçá um suporte psicossocial.

Método

Tipo de Pesquisa

Em relação a abordagem do problema, o estudo é *quantitativo e qualitativo*, quanto ao objetivo é *exploratório*, e envolve algumas etapas como: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado; quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de pesquisa bibliográfica e de campo (GIL, 2007).

Participantes

Em relação à coleta de campo, a pesquisa foi realizada com 13 estudantes de um curso de Psicologia de Cacoal, componentes de uma turma concluinte do curso (critério de inclusão), de ambos os sexos e com idades entre 20 e 60 anos.

Materiais e procedimentos

Os *instrumentos* utilizados foram um Questionário Sócio Demográfico e um Formulário criado pelos autores, com 20 perguntas objetivas e algumas

perguntas abertas, a partir das seguintes categorias *a priori* elaboradas pelos pesquisadores, segundo a proposta da Análise de Conteúdo: Categoria 1 – Influência do curso de Psicologia na fé e prática religiosa; Categoria 2 – Fatores influenciadores na mudança da fé e prática religiosa; Categoria 3 – Tipos de conceitos religiosos modificados; Categoria 4 – Tipos de comportamentos modificados; Categoria 5 – Relação psicologia e religião na vida pessoal. Para as categorias 1 e 5 foi formulada uma pergunta aberta e não-indutiva, com opção de resposta “sim” ou “não” acompanhadas de justificativa; para as outras categorias foram apontadas opções para resposta do tipo Escala Likert (em anexo).

Foi elaborado e aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra dos pesquisadores. Quanto à aplicação do questionário, foi realizada em outubro de 2013, de forma coletiva, com duração de aproximadamente trinta minutos.

Análise de Dados

Utilizou-se de uma análise quantitativa das respostas, por frequência simples e sem correlação entre variáveis, e os resultados, obtidos por meio das respostas no formulário, com a produção de gráficos no programa *Excell for Windows*. Para o tratamento qualitativo dos dados, fez-se uso da Análise de Conteúdo (AC), avaliando-se as respostas a partir das cinco categorias propostas. A Análise de Conteúdo de L. Bardin (1979) compõe de três etapas adotadas nesta investigação: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Importante salientar que a mudança comportamental não foi verificada ou avaliada de forma experimental e/ou longitudinal, mas a partir da percepção do discente sobre a interação do binômio psicologia-religião.

Resultados e discussões

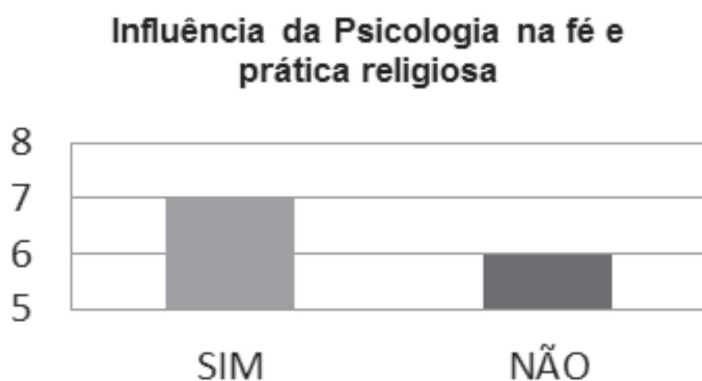
Os resultados e discussões ocorrerão de acordo com as categorias supracitadas, agrupando as emissões verbais dos participantes, conforme segue:

Influência da graduação em Psicologia em Comportamentos Religiosos (Figura 1)

De um total de 13 concluintes do curso de Psicologia, 7 sujeitos responderam afirmativamente (*Questão 1 – A graduação em Psicologia influenciou na sua fé e prática religiosa, no sentido de diminuir a importância dos conceitos e práticas religiosas?*). Esse resultado corrobora o que é expresso por Barros e Cordioll (1993) quando destacam que “a conclusão do curso outorga ao aluno o direito de utilizar os conhecimentos adquiridos onde e quando quiser [...]”, ou seja,

é relevante expor que as respostas têm suas especificidades em justificativas, porém, o curso de Psicologia, no que tange às teorias e afins para estes sujeitos são responsáveis pelas modificações ocorridas na forma de fé e prática religiosa. Tal mudança parece se relacionar com a frequência com que “a Psicologia da Religião como disciplina é procurada, pelos estudantes, como um recurso para a superação do desconforto resultante do (des) encontro entre religião e ciência psicológica” (PAIVA et al., 2009).

Figura 1. Fonte: Dados da pesquisa



Em relação às *justificativas para a mudança*, nota-se na descrição da resposta do sujeito 7 uma radicalização, justificada pela fala “*me tornei ateu*”, responsabilizando as “*informações científicas*”, complementando que as “*questões que ocorrem no contexto religioso têm explicações lógicas científicas*”; O sujeito 10 expressa “*é como se tudo que eu acreditasse fosse uma enorme mentira*” referindo-se ao início do curso. Quanto ao sujeito 8 este responde afirmativamente, porém diz que já não participava de nenhuma prática religiosa antes do curso, mas continua “*rezando em casa*”, sem muita clareza sobre ser ou não a graduação a responsável pelo afastamento da igreja. Semelhantemente, o sujeito 12 relata uma diminuição da sua frequência a igreja e “*ler menos a Bíblia*”; Na resposta do sujeito 11 e sujeito 13 percebe-se um ponto comum no fato de não acreditarem mais em elementos importantes da religião: O primeiro diz não conseguir mais “*acreditar nos ensinamentos e pregações*”, enquanto que o segundo não acredita que “*existe um Deus*”. Não obstante, para o sujeito 9 religião e fé não curam patologias, é vista por este como uma forma de extrair “*dinheiro das pessoas*”, além de propor “*algo que não existe*”, algo emendado pelo sujeito 9 ao dizer que essas premissas nem existem.

Em relação às justificativas dessa não influência: para o sujeito 1 e 2 não houve influência da psicologia sobre a fé e prática religiosa, sendo que o primeiro diz ter papéis e práticas religiosas bem definidos, e o sujeito 2 expõe que esses são fatores pessoais, que não devem ser questionados. Já para o sujeito 3 e 4, alegam a existência da fé e prática antes do curso, o que permanece sem alterações atualmente. Para o sujeito 5 não houve mudança, justificando-se pela não-crença religiosa existente desde a adolescência e o sujeito 3 concorda que não houve influência “em nada”, porém relata a diminuição na frequência à igreja, ao passo que explica essa mudança de comportamento atribuído à falta de tempo, o que denota certa contradição que nos leva a atribuir a mudança ocorrida ao próprio curso de psicologia.

De maneira geral menos a maioria dos sujeitos (n=7) pesquisados acreditam que a graduação exerceu influência sobre sua fé e prática religiosa, evidenciando o que é exposto por Marsden e Longfield (1992); Paiva (2002) que mencionam os campos da ciência e da religião em conflito, mesmo que em determinadas épocas e setores.

Na literatura pouco se fala da relação psicologia/religião como influentes entre si em termos de modificação de conceitos e comportamentos durante o curso de graduação, porém os dados confirmam que essa influência, aqui, em especial dos conhecimentos e vivências durante a graduação em Psicologia sobre o comportamento religioso. Segundo Barros e Cordioll, (1993), durante a etapa de formação acadêmica é possível estabelecer regras, orientar e modelar comportamentos; todavia, a conclusão do curso outorga ao aluno o direito de utilizar os conhecimentos adquiridos onde e quando quiser, enquanto que os códigos de ética impõe os limites de “como” utilizá-los (Figura 1).

A partir de uma resposta afirmativa à indagação sobre a mudança do comportamento religioso no decorrer da graduação em Psicologia, os sujeitos foram divididos em dois grupos, sendo que na sequência faremos uma análise a partir desta configuração: naqueles que ocorrem mudanças, buscaremos quais motivos e outros relacionados; naqueles que não houveram mudanças, buscaremos identificar fatores para tal.

Fatores influenciadores na mudança da fé e prática religiosa

No grupo que respondeu afirmativamente sobre a mudança ocorrida, no que diz respeito à subcategoria *Conceitos/conhecimentos de Psicologia*, todos os sujeitos concordaram haver mudança nisso (n=7, Figura 2), e apenas 1 sujeito achou de pouca influência, o que demonstra que o contato com os conteúdos teóricos da área da Psicologia contribuiu para as mudanças ocorridas. De acordo com Stroppa e Moreira-Almeida (2008) durante o século

20, cientistas e intelectuais de grande influência na área acadêmica, atribuíram à religiosidade um efeito negativo para o funcionamento psicológico do indivíduo e que teorias e opiniões pessoais, sem base em investigações epidemiológicas sistematizadas, contribuíram para a disseminação da ideia de que a religiosidade teria um impacto negativo sobre a saúde mental. Entendemos que até hoje esse pensamento perdure, sendo acentuado em sua maioria com estudos superficiais e parciais na área da psicologia, que em grande parte exclui questões sobre fatores positivos da religiosidade.

Figura 2. Fonte: Dados da pesquisa

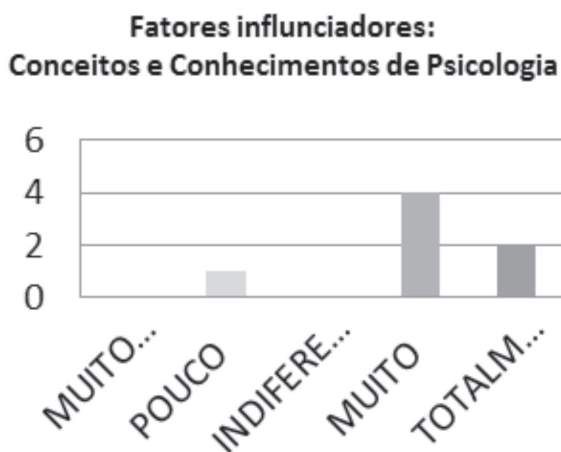
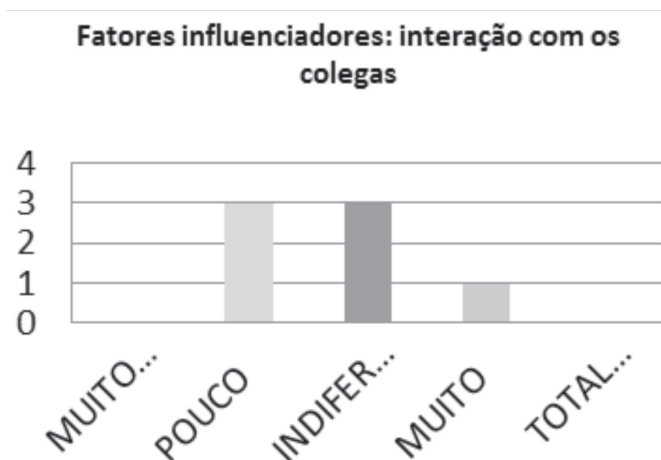


Figura 3. Fonte: Dados da pesquisa



Já na subcategoria que diz respeito à *Interação com colegas*, percebe-se que foi um fator pouco responsável pela mudança, já que a maioria das respostas ficou entre pouco e indiferente (n=6, Figura 3). Na subcategoria *Postura dos professores*, demonstra-se que esse fator exerceu considerável influência para a mudança (n=4, Figura 4). Apesar de ser um tema pouco abordado, mas considerando o professor como um tipo de referência e líder, para Haggai (1990), liderança é o esforço de exercer conscientemente uma influência especial dentro de um grupo. Ainda para o autor “[...] a comunicação é o modo pelo qual o líder unifica e dirige o grupo” (p. 130). Neste sentido, os professores do curso, possuindo e demonstrando ou não suas crenças religiosas poderiam ser considerados fatores de influência na mudança do comportamento estudado, e poderia ser tema de investigação futuramente aprofundada. Por último na *Prática de estágio clínico/institucional* os sujeitos deram respostas diversificadas, entre “muito pouco, pouco e indiferente”, e apenas 2 sujeitos perceberam muita influência desse fator, o que nos remete a inferência de que os estágios clínicos/institucionais não foram fatores decisivos na mudança (Figura 5).

Figura 4. Fonte: Dados da pesquisa

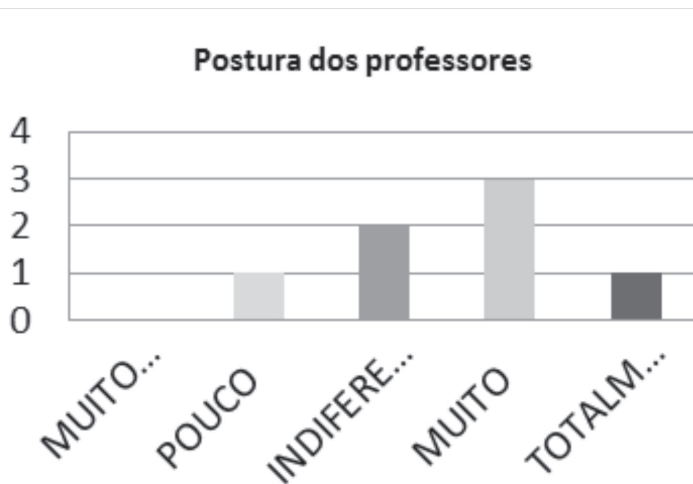


Figura 5. Fonte: Dados da pesquisa



Tipos de conceitos religiosos modificados

Na subcategoria *Religião proporciona salvação*, todos os sujeitos respondentes concordam com a mudança desse conceito (n=13, Figura 6), e quanto à subcategoria *Religião proporciona saúde mental*, a maioria dos pesquisados (n=6, Figura 7) identificaram essa mudança e apenas 1 sujeito se vê indiferente quanto a mudança desse conceito. Em relação à subcategoria *Religião é fundamental na vida do sujeito* (Figura 8), 6 sujeitos identificaram que esse conceito mudou de “muito” para “totalmente”, e 1 se mostra indiferente quanto à mudança. Já para a subcategoria mudança no conceito *Religião proporciona bem-estar psicológico*, todos os sujeitos (n=7, Figura 9) concordam que houve mudança.

Figura 6. Fonte: Dados da pesquisa



Figura 7. Fonte: Dados da pesquisa

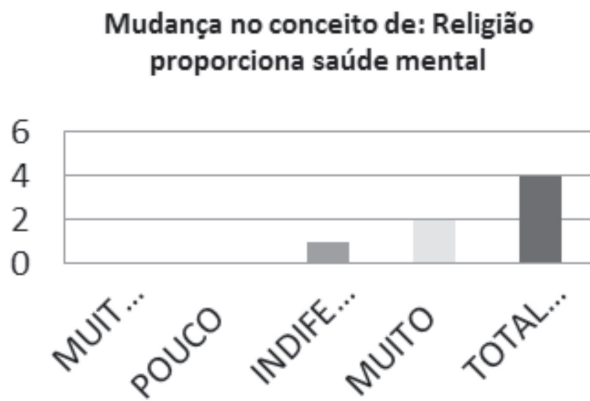


Figura 8. Fonte: Dados da pesquisa

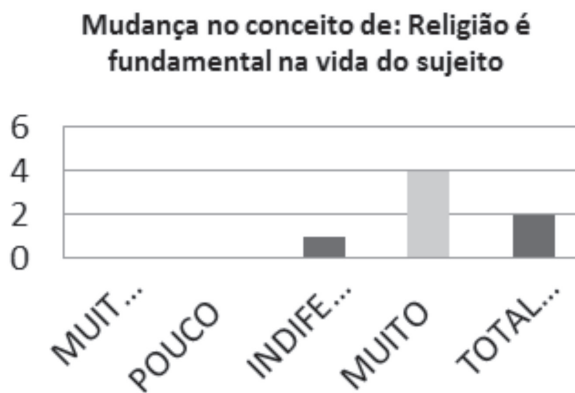
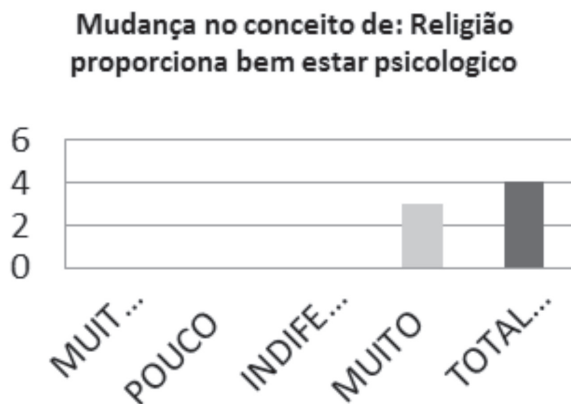


Figura 9. Fonte: Dados da pesquisa



Percebemos que a maioria dos sujeitos traziam consigo os conceitos de que a religião proporciona salvação e saúde mental, mas que agora no final do curso de Psicologia conseguem identificar modificações nesses conceitos, portanto, verifica-se que o curso exerceu influência nessa mudança. Nesse sentido, a psicologia parece ter mostrado novos caminhos e respostas às questões existenciais dos sujeitos, antes atendidas pela religião. Percebe-se que, para os sujeitos em questão, a Psicologia se configurou como uma forma de ‘auxílio’, embora numa desconstrução de conceitos enraizados pela religião. Tais resultados contrastam, quanto a saúde mental, com Pargament et al., (1998, apud OLIVEIRA; JUNGES, 2012, p. 469-476) que apontam a inter-relação entre saúde mental e a espiritualidade/religiosidade, e a importância desta que oferece recursos para o enfrentamento de situações estressantes e inevitáveis na vida, proporcionando um bom nível de saúde mental. É possível pensar ainda que, de acordo com a percepção desta mudança nos sujeitos ao longo do curso de Psicologia, no que referia Amatuzzi (1999), sobre ser religião um campo de experiências e indagações sobre a existência, mas agora ocupado pela ciência.

Em relação à subcategoria *Religião proporciona crescimento existencial*, a maioria dos sujeitos respondentes (n=6, Figura 10) acredita que houve mudança, identificando isso ao final do curso de Psicologia. Apenas um sujeito se vê indiferente à mudança nesse conceito. Para a subcategoria *Religião proporciona sentido da vida*, semelhantemente à subcategoria anterior, a maioria dos sujeitos percebem a mudança (n=6, Figura 11) e apenas 1 sujeito se vê indiferente a isso. Este tema nos remete a Frankl (1992, p. 14), para quem a religiosidade pode ou não ajudar o ser humano no encontro de um sentido na vida, assim como nem toda crise de sentido pode ser solucionada pela crença religiosa do indivíduo. Ou seja, o indivíduo sempre terá momentos de dúvidas e crises, independentemente de sua crença. Pode-se considerar ainda que os sujeitos respondentes, muito provavelmente passaram por momentos de dúvidas em relação à religião até chegarem a identificação de elementos da Psicologia, e não mais da religião, ofereceria suporte para tais questões.

Figura 10. Fonte: Dados da pesquisa

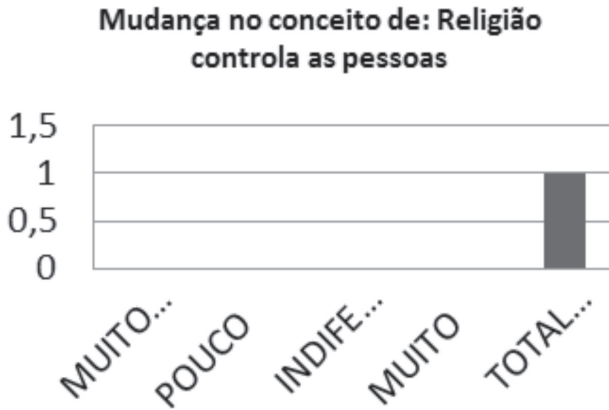


Figura 11. Fonte: Dados da pesquisa



Ainda em relação à Categoria *Mudança de conceitos*, um dos sujeitos incluiu a subcategoria *Religião controla as pessoas* (Figura 12), referindo-se a uma mudança radical em que anteriormente ao curso de Psicologia, de que a religião exerceria esse controle sobre as pessoas, o que significa o desenvolvimento de sua forma de relacionar com a religião a partir dos estudos psicológicos. Importante ressaltar que a religião é uma das principais instituições de controle social, segundo a sociologia, em especial as tradicionais que definem posturas, moral, regras, instituindo um contexto normativo que vigora para os/as seus/suas seguidores/seguadoras.

Figura 12. Fonte: Dados da pesquisa



Tipos de comportamentos modificados

Para a subcategoria *Frequentar a igreja/templo religioso*, todos os sujeitos identificaram mudanças esse comportamento (n=7, Figura 13). Já para a subcategoria *Prática de atos como rezas e orações*, apenas 1 sujeito se vê indiferente quanto a mudança desse comportamento, e os outros percebem uma mudança para ‘muito e totalmente’ na prática de atos como rezas e orações (n=6, Figura 14). Em relação à subcategoria *Uso de expressões e verbalização religiosa*, a maioria dos sujeitos acreditam haver sofrido mudanças nesse comportamento (n=6, Figura 15), porém, 1 sujeito identifica que muito pouco isso ocorreu. Quanto a subcategoria *Uso de substância como álcool* (Figura 16), 4 sujeitos se mostram indiferentes, 1 sujeito vê pouca mudança, enquanto 2 sujeitos identificam muita mudança com relação a esse comportamento. Em relação à subcategoria *Aparência física* (maquiagem, vestuário etc.), a maioria (n=4, Figura 17) se veem indiferentes a essa mudança; Na subcategoria *Tipos de amizades e relacionamentos* (Figura 18), 4 sujeitos concordam que ocorreu essa mudança (pouco), 1 sujeito com frequência “muito pouco” e 2 sujeitos se veem “indiferentes” a essa mudança. É possível identificar aqui, que tanto a aparência física quanto os tipos de amizades e relacionamentos não se modificaram ou não foram apercebidos como comportamentos modificados pelos sujeitos durante o curso de Psicologia.

Figura 13. Fonte: Dados da pesquisa

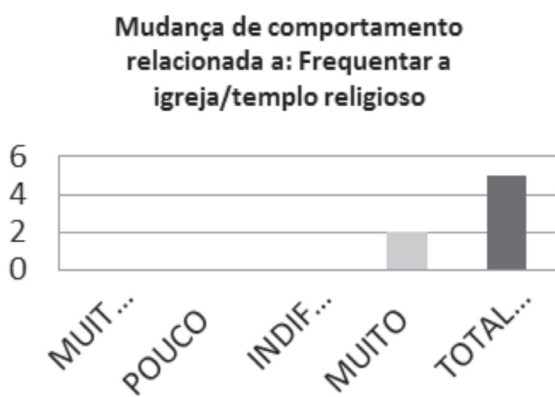


Figura 14. Fonte: Dados da pesquisa

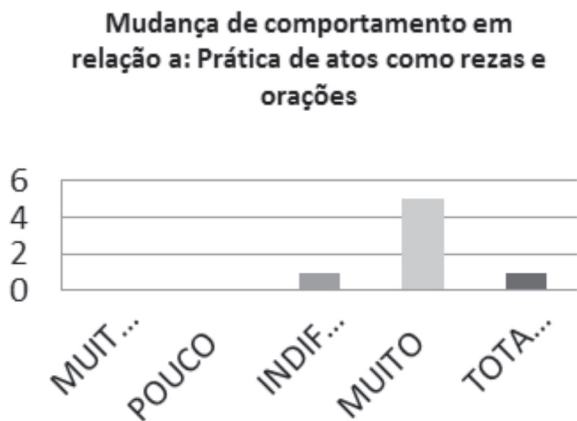


Figura 15. Fonte: Dados da pesquisa

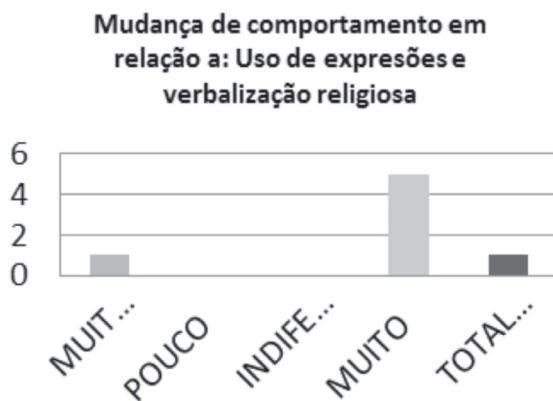


Figura 16. Fonte: Dados da pesquisa

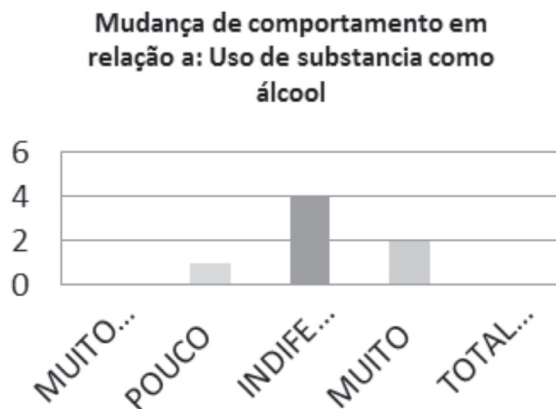


Figura 17. Fonte: Dados da pesquisa

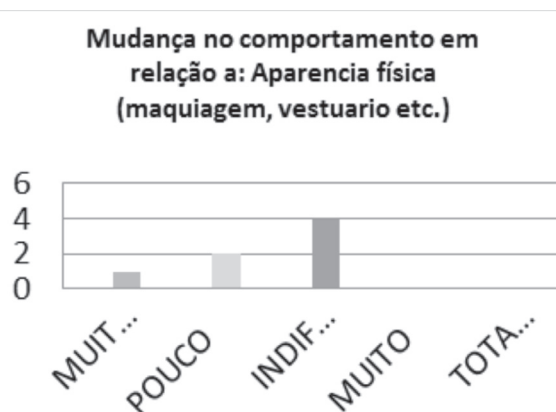
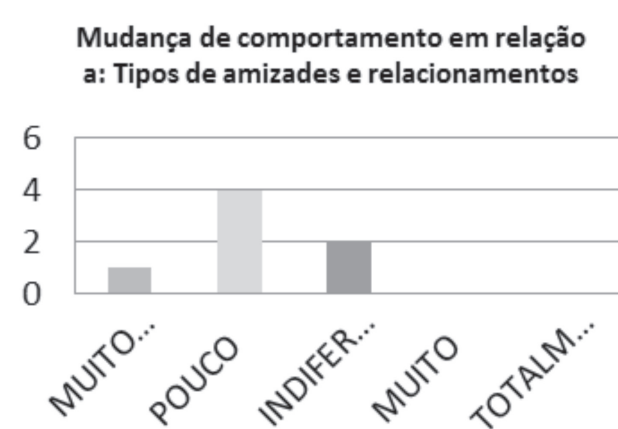


Figura 18. Fonte: Dados da pesquisa



Em relação à subcategoria *Tipos de divertimento e lazer* (Figura 19) as respostas diversificaram-se, sendo que 3 sujeitos acreditam que esse comportamento mudou pouco, 2 sujeitos são indiferentes a essa mudança e 2 sujeitos perceberam essa mudança como muita e totalmente. Na subcategoria *Hábitos de consumo* (Figura 20), 4 sujeitos identificam pouca mudança nesse comportamento, 1 sujeito com “muito pouco”, 1 sujeito se vê indiferente a isso e 1 sujeito vê muita mudança. Em relação à subcategoria *Falar palavras* (subcategoria acrescentada por um sujeito respondente, Figura 21), em que o sujeito identifica uma mudança total nesse comportamento, sugerindo que o sujeito respondente, antes ou durante o curso agia de forma a não emitir “palavrões” e que ao final do curso identificou um aumento deste comportamento.

Figura 19. Fonte: Dados da pesquisa

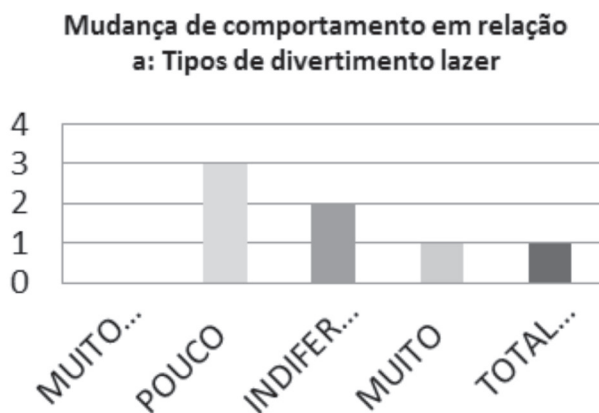


Figura 20. Fonte: Dados da pesquisa

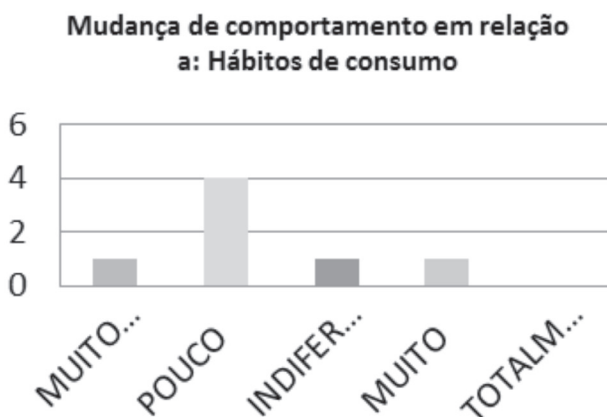
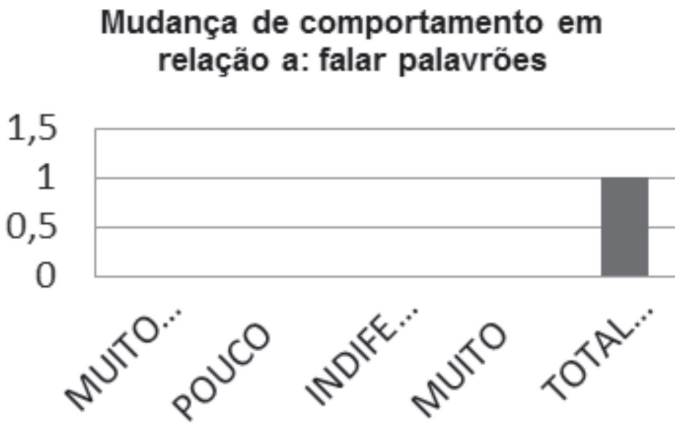
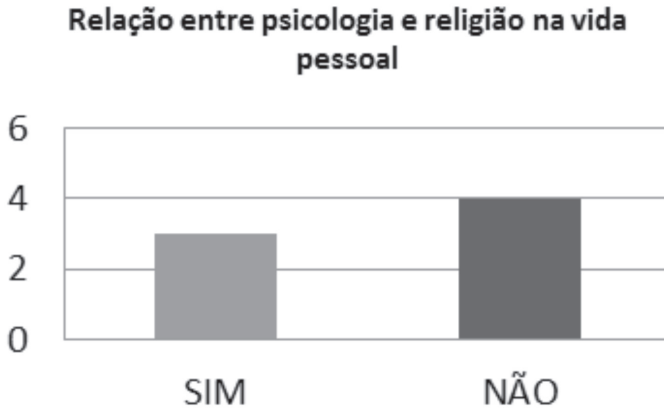


Figura 21. Fonte: Dados da pesquisa



Em relação à categoria *Relação Psicologia e Religião na vida pessoal* (Figura 22), para o sujeito 8 existe relação entre religião e a psicologia na sua vida pessoal, porém relata acreditar numa separação entre crença e postura profissional. Também o sujeito 12 vê relação entre psicologia/religião na vida pessoal, tanto que aponta que a psicologia exerceu influência sobre suas “atitudes e crenças”. O sujeito 7 responde positivamente à questão, mas apresenta confusão quando diz que a Psicologia justifica o que ele pensa sobre religião, e o ajuda a explicar “acontecimentos religiosos”, no entanto não aponta qual(ais) seriam esses “acontecimentos religiosos”. O sujeito 9 não acredita nessa relação possível entre religião e psicologia, justificando que a igreja não é capaz de trazer “tais mudanças na vida do indivíduo”, afirma que a igreja atrapalha o “trabalho do psicólogo”, pois “muitas pessoas acreditam que a religião cura, com isso não procuram tratamento”, de modo que as mudanças citadas anteriormente na resposta, se referiam às patologias, distúrbios e demais conflitos que são acompanhados por psicólogos. Quanto ao sujeito 13, este não acredita na relação e nota-se radicalidade na afirmação “acredito que religião não seja útil”.

Figura 22. Fonte: Dados da pesquisa



O que notamos é um tensionamento na relação religião-psicologia na vida pessoal dos sujeitos e, conseqüentemente, na sua futura prática profissional, mesmo que atualmente haja sinalizações por meio de estudos sobre a positividade da espiritualidade e religião junto à saúde mental, tal como apontam Oliveira e Junges (2012) em que a psicologia tem se voltado ao estudo da espiritualidade/religiosidade e sua relação com a saúde mental, o bem-estar psicológico e a integração bio-psico-socio-espiritual do ser humano. Segundo os mesmos autores, em 1988, a Organização Mundial de Saúde (OMS), incluiu a “dimensão espiritual” no conceito multidimensional de saúde, remetendo a questões como significado e sentido da vida, e não se limitando a qualquer tipo específico de crença ou prática religiosa. Para a OMS, a espiritualidade é o conjunto de todas as emoções e convicções de natureza não material, com a suposição de que há mais no viver do que pode ser percebido ou plenamente compreendido (VOLCAN; SOUSA; MARI; LESSA, 2003).

Já segundo Paiva (2004), quando se fala de mudanças no comportamento e na identidade religiosa, pode-se indicar que, a partir do momento em que o indivíduo passa a fazer parte de um grupo religioso, filosófico ou de qualquer outra natureza, elabora essa participação, seja como atividade psíquica subsequente seja como atividade psíquica antecedente, no entanto é frequente em pessoas que estão em processo de busca. Essa elaboração pode ser uma reorganização dos diversos elementos, antigos e novos, ao redor de um novo eixo de significação e, nesse caso temos uma elaboração simbólica que substitui o simbólico anterior de natureza religiosa ou de outra forma. Tal afirmação de Paiva (2004) é elucidada pelo grupo respondente, ou seja, um grupo em processo de busca que, possivelmente por meio da Psicologia

e elementos inerentes a esta área passaram a reorganizar elementos do campo da religiosidade, ao ponto de conseguirem exprimir transformações de conceitos religiosos anteriores.

Conclusão

Em relação às percepções acerca da relação Psicologia e Religião em estudantes universitários concluintes do curso de Psicologia de uma faculdade privada de Cacoal, RO, a partir da análise dos dados coletados dos 13 sujeitos que compõe o estudo, foi possível verificar:

A maioria concorda que *a Psicologia operou modificações em termos de diminuição de importância da fé e prática religiosa*, com justificativas de maior contato com postulados científicos e conseqüentemente questionamentos aos preceitos religiosos. Já os sujeitos que responderam negativamente a essa mudança, justificaram que os dois campos são bem claros e distintos, sem que um influencie no outro, embora pensemos que seja praticamente impossível que um novo tipo de conhecimento adquirido não interfira ou sofra interferência do outro tipo, seja no campo conceitual e/ou comportamental.

Quanto aos *fatores determinantes para as mudanças identificadas*, sobre conceitos e comportamentos religiosos os *conceitos/conhecimentos de Psicologia* foram mais citados pelos sujeitos, seguido de e associado, a *Postura dos professores*, como fator que exerceu considerável influência para a mudança, especialmente por estar associado ao fornecimento dos conhecimentos mencionados na categoria anterior, o que poderia ser tema de investigação mais aprofundada futuramente.

Com *relação aos conceitos modificados*, os conceitos sugeridos receberam um nível de mudança de frequência “muito” e “totalmente”, com destaque para as noções de: *Religião proporciona salvação* e *Religião proporciona bem estar-psicológico*. Sobre os *comportamentos modificados*, houve grande diversidade nas frequências das respostas: nessa categoria, o comportamento *Frequentar a igreja* foi o que mais sofreu influência, seguido do comportamento *Práticas de atos como rezas e orações*.

Sobre a categoria *Relação entre psicologia e religião na dimensão da vida pessoal*, apareceram confusões sobre como os dois campos podem se relacionar, com um tensionamento e indefinição de papéis entre eles, mesmo na vida pessoal, mas que supomos poder operar alguma influência no futuro desempenho profissional. Há ainda certa ambigüidade na relação psicologia-religião, ora a psicologia ajudando/explicando elementos religiosos, ora duvidando que estes possam contribuir para a saúde do sujeito, tarefa atribuída à psicologia.

Comprova-se, enfim que, na percepção dos sujeitos, *a maioria dos participantes identificaram que a graduação em Psicologia exerceu influência sobre a fé e a*

prática religiosa trazida antes do curso, no sentido de modificações conceituais e diminuição de frequência comportamental religiosa. Destacamos que a literatura pouco fala da relação psicologia/religião como influentes entre si, como forma de modificar conceitos e comportamentos durante o estudo e/ou prática de uma ou outra ciência, porém os dados confirmam tal influência, o que se constitui em pistas para maiores aprofundamentos.

Quando se fala de identidade, sabendo que está em franca mudança, especialmente durante uma graduação em psicologia, como de outros profissionais que lidam com as subjetividades humanas e que devem compreender as crenças religiosas de seus pacientes/clientes, pois a espiritualidade pode ser positiva para o indivíduo e sua saúde mental. Defendemos, nesse sentido, como necessário ao acadêmico de psicologia, uma formação sobre o binômio psicologia e religião, especialmente sobre a inter-relação entre saúde mental e a espiritualidade/religiosidade, de modo que investigue o quanto ambas podem oferecer recursos para enfrentar situações estressantes e inevitáveis na vida de um indivíduo.

Referências

- AMATUZZI, M. M. Desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. In: Massimi M.; MAHFOUD, M. (Orgs). **Diante do mistério: psicologia e senso religioso.** São Paulo: Loyola, p.123-40, 1999.
- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. **O conceito de coping: uma revisão teórica.** *Estud. psicol.* vol. 3, n. 2, p. 273-294, 1998. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a06v03n2.pdf> > Acesso em: 03 maio 2013.
- AQUINO, T. A. A.; CORREIA, A. P. M.; MARQUESI, A. L. C.; SOUZA, C. G. ; FREITAS, H. C. A.; ARAÚJO, I. F.; DIAS, P. S.; ARAÚJO, W. F. Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, vol 29, n. 2, p. 228-243 (2009).
- ASSIS, C. L. **A Clínica e o Sagrado: Pesquisa e reflexões contemporâneas em Psicanálise e Teologia Cristã.** Curitiba, 2011.
- BARBOUR, I. G. **Questões da ciência e da religião.** Englewood Cliffs, N. J. Prentice-Hall, 1996.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979. Disponível em: < <http://pt.pdfsb.com/analise+de+conteudo,+laurece+bardin,+lisboa%3Aedi%C3%A7%C3%B5es+70> >. Acesso em: 30 maio 2013.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas.** Petrópolis: Vozes, 1996. Disponível em: < http://www.cescage.edu.br/mec_engetrica/arquivos/manual_apresentacao_trabalhos_academicos.pdf >. Acesso em: 30 maio 2013.
- BARROS, M. N. F.; CORDIOLL, R. A. O Envolvimento de Universitários em Movimentos Religiosos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 74(178), 1993.

- CAMBUY, K.; AMATUZZI, M. M.; ANTUNES, T. A. **Psicologia Clínica e Experiência Religiosa**, n 3, p. 77-93, 2006. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/6689647/Psicologia-Clinica-e-Experiencia-Religiosa> >. Acesso em: 03 maio 2013.
- CAMBUY, Karina; AMATUZZI, Mário Martins; ANTUNES, Thais de Assis. **Psicologia Clínica e Experiência Religiosa**, n. 3, p. 77-93, 2007. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv3_2006/p_cambuy.pdf >. Acesso em: 18 maio 2013.
- CAREGNATO, R. C.; AQUINO, T. A. A.; MUTTI, R. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Florianópolis, Out-Dez; 15(4): 679-84, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17> >. Acesso em: 31 maio 2013.
- CARVALHO, A. M. Sexualidade e religiosidade entre os adolescentes: um estudo comparativo. In: MASSINI, M.; MAHFOUD, M. (Orgs.). **Diante do mistério: psicologia e senso religioso**, São Paulo: Loyola, p. 99-122, 1999.
- DELL'AGLIO, D. D. **O Processo de Coping: Institucionalização e Eventos de Vida em Crianças e Adolescentes**. Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Faculdade de Direito, PUCRS, Rio Grande do Sul, 2000.
- DOMINGUEZ MORANO, C. **Crer Depois de Freud**. Tradução de GONTIJO, E. D. São Paulo: Loyola, 2003.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 91-104, 1972
- ESPERANDIO, M. R. G.; LADD, K. L. **Oração e Saúde: questões para a Teologia e para a Psicologia da Religião**. Horizonte, vol. 11, n. 30, p. 627-656 (2013).
- FARIA, E.; SOUZA, V. L. T. de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicol. Esc. Educ.** vol.15, n. 1, p.35-42, 2011. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572011000100004> >. Acesso em: 18 maio 2013.
- FARRIS, J. R. Psicologia e religião: Uma análise de práticas religiosas. In: **Revista Caminhando**, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37, 2009.
- FERREIRA, T. H. S.; FARIAS, M. A.; SILVARES E. F. M. **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório**. Estudos de Psicologia 2003.
- FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 2. ed. Tradução W. O. Schlupp, H. H. Reinhold. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 1992.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu a Silva Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HEFNER, P. A Religião no Contexto da Cultura, Teologia e Ética Global: **Revista de Estudos da Religião – REVER**. São Paulo, 2007.
- HENNING, M. C.; MORÉ, C. L. O. O. Religião e psicologia: análise das interfaces temáticas. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 84-114, dez. 2009. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_henning.pdf >. Acesso em: 2 abr. 2013.
- KOVÁCS, M. J. **Espiritualidade e psicologia: cuidados compartilhados**. São Paulo, 2007.
- MARTUCELLI, D. **Figuras e jovens na modernidade**. Rio de Janeiro: Movimento, 1, p. 28-51, 2000.

- MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Orgs.). **Diante do Mistério: Psicologia e Senso Religioso**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MATTESON, D. R. Exploração e Compromisso: diferenças sexuais e problemas metodológicos no uso de categorias de status de identidade. **Jornal da Juventude e Adolescência**, 6, 353-374, 1972.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 28(3), 242-250, 2006.
- NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- OLIVEIRA, M. R. De; JUNGES, J. R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estud. psicol.**, vol. 17, n. 3, p. 469-476, Natal-RN, 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2012000300016&lng=pt&nrm=iso&tlng=en >. Acesso em: 18 maio 2013.
- PAIVA, G. J. Ciência, Religião, Psicologia: conhecimento e comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15(3), p. 561-567, São Paulo, 2012.
- PAIVA, G. J. **Estudos psicológicos da experiência religiosa**. Temas em Psicologia. Ribeirão Preto, vol. 6, n. 2, ago. 1998. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413389X1998000200008&script=sci_arttext >. Acesso em: 15 abr. 2013.
- PAIVA, G. J. **Identidade e pluralismo: identidade religiosa em adeptos brasileiros de novas religiões japonesas**. **Psic.: Teor. e Pesq.** vol. 20, n.1, p. 21-29 (2004).
- PAIVA, G. J.; ZANGARI, W.; VERDADE, M. M.; PAULA, J. R. M. de; FARIA, D. G. R. de; GOMES, D. M.; FONTES, F. C.C.; RODRIGUES, C. C. L.; TROVATO, M. L.; GOMES, A. M. A. Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 25 n. 3, pp. 441-446, (jul/set 2009). Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n3/a19v25n3.pdf> >. Acesso em: 15 abr. 2013.
- PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. **Psicol. estud.**, vol.10, n. 3, p. 507-516, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a18.pdf> >. Acesso em: 18 maio 2013.
- PAPALIA, D.; OLDS, S. W.; FELDMAN; DUSKIN, R. **Desenvolvimento Humano**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PINHO, A. Religião e cultura nem horizonte ecumênico de paz. **Revista Humanística e Teológica**, 24, p. 75-83 (2003).
- PROENÇA, M. G. S.; TENO, N. A. C. Algumas aproximações: compreendendo o conceito de identidade. **Educação e Fronteiras On-Line**, (3), p-132 (2012).
- RAYES, I. F. C.; CARVALHO, J. E. C. Ausência de conflitos: relação entre religião e ciência na formação universitária. **Revista Neurociências**: 128 (2005).
- RIBEIRO, J. P. Reflexões sobre o lugar de uma Psicologia da Religião. **Revista Abordagem Gestalt**, vol. 14, n. 2, p. 197-204, 2008. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v14n2/v14n2a07.pdf> >. Acesso em: 2 mai. 2013.

SANTOS, E. S.; MANDARINO, C. M. Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer. **Revista de Estudos da Religião**, n. 3, p. 161-177, 2005. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv3_2005/p_santos.pdf >. Acesso em: 16 maio 2013.

STROPPA, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. **Religiosidade e Saúde**. Belo Horizonte: Inede, 2008.

STROPPA, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. S. M.; FREIRE, G. Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina. **Religiosidade e saúde**. Belo Horizonte: Inede, p. 427-43, 2008.

VIEIRA, T. M.; ZANINI, D. S.; AMORIM, A. P. Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. **Interação Psicol.**, vol. 17, n. 2, p. 141-151, jul./set. Curitiba, 2013

Submetido em: 1-7-2015

Aceito em: 2-8-2016